

O progresso como linguagem nas missões religiosas do Padre Ibiapina no sertão nordestino.

Marcos Martinez Munhoz[1]

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar nas missões do Padre Ibiapina sua influência nas linguagens, no qual suas missões possibilitaram o progresso social dos sertanejos. Neste artigo será introduzido a vida e a obra religiosa do Padre e, a partir do histórico político do padre, apresentar suas inferências políticos-religiosas. Demonstrar a mudança nos hábitos e nos próprios sentidos do sertanejo após suas obras missionárias. A partir de uma revisão bibliográfica, o artigo irá demonstrar os novos costumes que serão implementados pelo missionário na construção do progresso, resultando no pertencimento imaginado social sertanejo. As ações missionárias incluíam o povo como construtor e participante, sempre lideradas pelo padre a começar da construção de ideal no pensamento sertanejo, essas obras alterariam a visão do mundo simbólico e sógnico, transmitindo esperança e participação popular, cujo intuito seria o de construir uma nova identidade ao sertanejo desde os costumes e hábitos. Por estas e outras discussões sobre Ibiapina que pode ser até mesmo reconhecido por alguns autores do meio acadêmico como precursor do catolicismo popular no Brasil, indo desde a demonstração que sua obra não somente

organiza à vida dos sertanejos nas cidades, mas também produzindo o sentido religioso. Por isso, tentaremos demonstrar uma compreensão nas mudanças sociais resultantes em um novo imaginário. Também será evidenciada as mudanças nas linguagens e no ambiente cultural dos sertanejos, a partir do viés – trabalho e oração, como proposta socializante. Em suma, o trabalho será uma tentativa de ratificar a relação entre o sentido religioso e uma ideia socializante. Será utilizado Hoornaert para introduzir a vida e a obra do padre, José Comblin, no ideal religioso e Paul Günter Suess, no catolicismo popular.

Palavras-chave: Linguagens; Religiosidade; Comunicação; Sentido; Imaginário.

[1] Doutorando no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP. mfradini@hotmail.com

1 - PADRE IBIAPINA: UM PADRE DO PROGRESSO

Padre Ibiapina era considerado um homem de nível médio, não por suas posses, mas pelo seu grau de estudos em advocacia. Ele foi solitário em suas ações. Segundo Comblin (COMBLIN, 2011, p. 15), “as ordens vinham do bispo de Olinda, onde fez seu seminário aos 23 ou 24 anos de idade. Ele aceitou sua resignação em ser missionário no interior”, mesmo sabendo que, anteriormente, somente os frades missionavam. Ibiapina inovou sem querer saber o que haviam feito no passado nessas regiões, lançando-se sozinho na sua vida missionária. O bispo de Olinda, por meio de suas ordens, não limitou a criatividade de Ibiapina, assim tornando seus pensamentos livres. As regiões por onde o Padre passaria eram regiões de índios, os quais já haviam rompido, ou quase, com seus valores antigos, pois a mestiçagem do indígena misturava os valores antigos aos novos que ocorriam nessas regiões.

Ibiapina foi um padre missionário, Hoornaert diz que “o sofrimento assumido por Ibiapina não provém de um pensamento religioso doentio, mas de uma percepção que as pessoas raramente alcançam: a percepção religiosa da miséria, a relação entre Deus e os miseráveis, a ideia de missão como compromisso com este povo por todos abandonado e esquecido” (HOORNAERT, 1981, p. 14). As missões de Ibiapina têm duas origens espirituais – uma europeia e a outra indígena. Ele teve instruções oratorianas, as quais eram de “sofrer e amar” (HOORNAERT, 1981, p. 15). As instruções praticadas por Ibiapina substituíam as práticas místicas de o “mundo vai se acabar”, pois caminhava em suas missões fundando casas de caridades em que combatia a fome e a sede, além de doenças, e fornecia roupas e remédios.

O Padre funda um cemitério em Tapareoá (PB), região onde pregava suas missões, e em Mossoró (RN), onde funda casas de caridade, que seriam a sua marca mais forte. No

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

ano de 1861, no momento de uma segunda epidemia de cólera, abre em Areia (PB) outra casa de caridade, que acaba se tornando um hospital de emergência.

Ele foi um padre ligado aos pobres, além de abrir um canal de interação com eles, pessoas do povo puderam terminar seus estudos médios ou universitários, trazendo uma esperança revolucionária a elas, entre a política e a religião. Ibiapina seria considerado a libertação dos oprimidos.

Porém, a igreja no século XIX se romanizou. O leigo não tinha mais participação e a igreja se tornou clerical e organizada; fechou-se sobre si. Ibiapina, nessa região, age como um construtor da história desse povo, trazendo ao nordestino o trabalho nas cidades, pois a preguiça ele põe de lado. Ele foi um civilizador, trouxe o trabalho, o progresso, sem destituir os valores dos sertanejos, que traziam características indígenas, porém com misturas da modernidade da época, mantendo algumas tradições. Contudo, o Padre Ibiapina não trazia somente o progresso, ele aplicava nas suas casas de caridade o trabalho e a educação; o trabalho pela oração e o estudo seguido deste.

José Comblin, um padre que estudou a fundo Ibiapina, promove o nome do Padre como um missionário em favor do povo. Segundo ele, Ibiapina, conhecedor das leis e da ordem, traz ao povo a prática e não somente a teoria.

Ibiapina fundou uma nova ordem às margens da Igreja oficial e sempre dedicou aos mais desfavorecidos sua principal atenção. Criou uma túnica escura preta que ia até o chão, prática esta que não era aceita pela Igreja oficial, mas ele a implantou. Essa túnica era colocada para que os sertanejos saíssem às ruas, pedissem esmolas e pregassem o evangelho. A prática das esmolas servia tanto para informar e fornecer valores para a Igreja oficial quanto para a manutenção de suas casas de caridade e suas ações missionárias.

A intenção de comentar sobre a vida de Ibiapina nos parágrafos acima constitui formas de iniciar a discussão sobre a mudança da linguagem daquelas pessoas e cidades por onde ele passou. Em suas missões, este mesmo padre passava politicamente as funções sociais aos sertanejos e também os evangelizava, com o seu modelo próprio

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

evangelizador. Ao trazer novas linguagens os costumes e hábitos dos sertanejos se modificam, mesmo a aqueles que mantinham tradições dos seus antepassados, e que agora se misturaria com a visita missionária do padre. Tais misturas de valores, entre o costume e o novo, irrompem em uma nova forma de se comunicar com o mundo, explicado a partir da visão de um padre. Segundo Benedito Silva (SILVA, 2002, p. 64), Ibiapina fora o precursor do catolicismo popular no Brasil. O catolicismo popular é muito discutido nos países conhecidos como católicos. A igreja comunitária, ou comunidade e igreja, atuam juntas, dividindo as ações comunitárias, sendo o povo sua continuidade popular e a igreja como instituição oficial. De acordo com Suss:

A cosmovisão dá sentido à existência humana, ao sofrimento e à morte, produzindo um estado de alma de certa serenidade, por vezes de uma resignação fatalística principalmente quando não parecem possíveis alternativas do pensamento e da ação, considerando-se o mundo como totalmente determinado por Deus. Aqui a fé tem a tarefa intervir como “princípio crítico”. O encontro do evangelho com a alma do povo se dá na comunidade local na qual completam mutuamente o catolicismo popular e a comunidade de base (SUSS, 1978, p. 24).

As mudanças empregadas por Ibiapina não se resumiam somente às missões, mas sim a uma mudança de costume e hábitos que iriam se transformar nas cidades, por meio de suas obras. Foram construídos por ele: açudes, hospitais, escolas, cemitérios, além dos centros de caridade – tornando-se o principal feito de sua obra. Essas obras se tornaram socializantes, mudaram os hábitos e costumes das cidades, em que se formavam mutirões de pessoas, com interesse ou não, na construção das obras sociais. Tais obras formavam uma nova linguagem. Formavam-se novos valores simbólicos, novos signos sociais e novas formas culturais, nas quais se transmitiam valores sociais e obras carregadas de simbolismo e simbologias cristãs ao povo sertanejo. Formaria assim, uma nova estrutura de linguagens.

A socialização e a fé caminhavam juntas na construção de um modo de mundo melhor na visão do Padre, a qual era repassada aos populares como uma ação

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

socializadora que iria melhorar à vida para eles. As linguagens eram centralizadas no Padre, que, oportunamente, na grande seca¹ do Ceará no século XIX, teve a sua melhor época da linguística estruturalizante.

Em linguagens, Paul Feyerabend nos diz que “desde os nossos primeiros dias aprendemos a reagir às situações por meio das respostas apropriadas linguísticas ou outras. Os processos de ensino tanto *moldam* a ‘aparência’, ou ‘fenômeno’, quanto estabelecem uma firme *conexão* com palavras, de modo que, no final, os fenômenos parecem falar por si mesmos, sem auxílio externo ou outros conhecimentos” (FEYERABEND, 2003, p. 88).

A obra social que Ibiapina fundou nas cidades em suas missões moldou nos sertanejos os seus valores, e cada uma delas se materializa nos processos mentais deles. Estes processos que caracterizavam as obras de Ibiapina representam uma mudança nos hábitos e nas linguagens destes povos sertanejos. Estes locais se tornariam ambientes simbólicos de troca de valores, aos quais era associado, agora, o real valor de cada situação que um grupo ou mesmo o sertanejo se faz pertencer. O nascimento e a morte agora teriam e fariam sentido nos locais construídos por Ibiapina. Os hospitais seriam mantenedores da vida e do cuidado dela. As linguagens se entrelaçavam e eram discutidas suas semelhanças, obrigando em si mesmo um destino. Os hábitos se tornam comuns.

Antigos costumes se perdem perante os novos, que simbolizam uma organização, um sistema e um modelo a ser seguido na religião.

A religião associa a suas doutrinas maldição e benção, condenação e felicidade. Feliz é aquele que crê; infeliz, perdido, amaldiçoado é aquele que não crê. Portanto, ela não faz apelo à razão, mas à afetividade, ao instinto de ser feliz, aos sentimentos de medo e de esperança. (FEUERBACH, 2013, p. 194)

¹ A grande seca do Nordeste, se caracterizou como Cólera. No período que Ibiapina evangelizava, uma seca de grandes proporções invadiu e empestou o sertão, matando muitos homens silenciosamente. Vendo o sofrimento destes homens, Ibiapina, que presente a ideia de “fim de mundo”, implantou com sucesso nas missões “o trabalho e oração”, deixando como as principais marcas da sua passagem ‘Casas de caridade’

Ibiapina introduz um novo hábito para os sertanejos, sendo que as linguagens não se tornam mais dispersas. Os locais de peregrinação, de auxílio da doença, de recolher a água em açudes, ou mesmo a associação de um poder divino nestes locais, fortalecem nos sertanejos uma associação com o pensamento do peregrino, com o cuidado da vida. A comunicação entre os sertanejos muda a forma de produzir o comum. As relações sociais eram discutidas sob o viés destes ambientes, eles se ajuntavam para construir e se organizavam em um ambiente propício para a disseminação das ideias. Ibiapina pregava os mutirões para as construções nas suas missões. Ele almejava que o povo construísse uma obra que marcasse a sua vida, mas que fosse útil para a comunidade. No entanto, Flusser, em uma passagem sobre linguagens, comenta:

O pensamento se expande de acordo com as regras da língua. Com efeito, o pensamento é uma corrente de frases que se formulam de acordo com as regras linguísticas e seguem uma a outra de acordo com essas regras. O pensamento, sendo um distinguir e um ordenar, é um articular do duvidoso de acordo com as regras da língua (FLUSSER, 2002, p. 43).

As construções que Ibiapina idealizou, e que contou com a participação dos sertanejos, não somente expandiu o vocabulário de comunicações sociais que o momento histórico permitia. Quando da terrível seca, e do surgimento de um herói que através de uma instituição amparadora, Ibiapina, sendo um letrado perante um povo iletrado, fez uso de palavras bem colocadas e argumentadas. Ibiapina é visto como salvador, como o enviado que traria a salvação. E todas as suas obras, seriam resultantes de uma organização da vida que as linguagens assumiriam nos pensamentos sertanejos. Antigas tradições que se mantinham pela memória, se misturavam ao novo. Algumas das tradições que os sertanejos pensavam e produziam cultura, recebiam agora a interferência do nascimento de uma nova forma de pensar.

2 - O povo carente, a seca do Ceará e a Igreja.

Padre Ibiapina, em suas missões, foi um peregrino da fé. Os sertanejos não eram mais os mesmos depois das suas missões. Por onde ele passava, era cortejado, era recebido por flores e desejado pelas multidões. Suas ordens de construções das obras sociais, sua peregrinação, suas ideias e seus poderes foram se tornando, a cada tempo, mais milagrosos. As cidades se preparavam para sua visita. Era cortejado, aceito e ouvido. Trazia voluntários aos montes, para expandir suas missões pelo sertão. Tornara-se um ídolo do seu tempo para aqueles povos. Suas palavras eram ouvidas como milagrosas e, coincidentemente ou não, se tornavam santas. Silva cita uma passagem da visita de Ibiapina:

Certa vez, em visita à cidade pernambucana de Flores, o vigário local o aguardava acompanhado de uma procissão de fiéis, meninas em traje de virgens e uma banda de música. Todos carregando bandeirinhas e recitando versos ao apóstolo da caridade (SILVA, 2002, p. 71).

Assim, Ibiapina alterou os hábitos de uma comunidade, seus valores, suas crenças e suas ideias culturais. Ibiapina tinha o poder de seduzir com suas palavras da nova ordem. Suas ordens eram para que o povo do sertão sentisse o seu próprio valor, mas ele também tinha sua marca como peregrino da fé, pois era muito respeitado pelas suas ações e recebe assim seu mérito. Suas casas de caridades são sua maior e mais conhecida marca, o que o torna um ídolo. Seu nome é reverenciado, suas ideias se tornam santas. Torna-se um peregrino da fé. As atenções das pessoas se centram na sua

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

voz, cujas palavras alteram o vocabulário nas trocas de palavras e sentido dos sertanejos.

As palavras que significavam algo no passado poderiam agora ser palavras de um peregrino. Nietzsche, no entanto, cita o “mal-ouvido... Fazer perguntas com *o martelo* e talvez ouvir como resposta aquele célebre som oco que indica estranhas intumescidas – que encanto para quem possui ouvidos mesmo por detrás dos ouvidos, para mim, velho psicólogo e caçador de ratos, diante de quem precisamente as coisas que gostariam de permanecer *caladas são forçadas a falar*” (NIETZSCHE, 2012, p. 16). É preciso ouvir além da fala de Ibiapina, convocando pessoas a criar novas linguagens, alterar seus costumes, seus vícios e sua cultura. Ibiapina, na seca do sertão reconhecida como uma das maiores, se apodera da fraqueza do sertanejo e molda o pensamento cristão nas pessoas.

Socializar e evangelizar seriam sua maior marca e mérito das missões. Poucos saberiam ouvir além do ouvido. Poucos saberiam entender sua verdadeira missão. De acordo com Alberto Melluci:

O cristianismo mantém a imagem cíclica do tempo, mas introduz também uma ideia diferente: a gênese e o fim do mundo assinalam limites de um percurso linear. A história do mundo é a história do mundo é a história da queda e da redenção; é, portanto, história da salvação, que se desenrola sobre uma linha cujo sentido mais profundo está no caminho (MELLUCI, 2004, p. 19).

3 - O imaginário

Se consideramos agora o tempo explicitamente instituído por cada sociedade, impõe-se imediatamente a distinção entre duas dimensões diferentes e obrigatórias desta instituição, a dimensão identitária e a dimensão propriamente imaginária. O tempo instituído como

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

identitário é o tempo como tempo de demarcação, ou tempo das medidas. O tempo instituído como imaginário (socialmente imaginário, entende-se) é o tempo da significação, ou tempo significativo (distinção que não implica de modo algum uma separação do que distinguimos). (CASTORIADIS, 1982, p. 246)

Quanto à percepção do homem e o seu ambiente, sabe-se que varia conforme seu tempo e suas verdades. Vários foram os episódios que formaram a cultura humana. Nos quatro cantos do planeta, temos cultura de adorações, pregações, mitos, ritos, símbolos, signos, mensagens, escritos e manuscritos, entre outras, que formaram cultura em grupos ou de forma civilizatória para a formação do ambiente social, reconhecendo as diferenças em relação a outro ambiente ou território, caracterizando sua fronteira. As linguagens de um ambiente são determinadas por certos signos, símbolos e outros, caracterizando e produzindo identidades. A partir de um imaginário, homens e mulheres identificam seus posicionamentos, a fim que sejam interpretados conforme um centro midiático modelizante² na divulgação e implementação de uma verdade.

As realidades se tornam reconhecidas e interpretadas conforme a revelação de um ídolo, aceitando a verdade, resultando em um imaginário social. Ela pode ser transmitida por gerações passadas ou mesmo por instituições que divulgam e mantenham a ordem. As identidades, o imaginário e o humano se comunicam lado a lado entre os períodos.

Os avanços na ciência, na arte e na religião, por meio do próprio olhar e percepção do humano, adaptam-se a toda uma realidade anterior, produzindo novas experiências do passado, e por meio destas, reconhecem e transferem no social, ambientes civilizatórios e de costumes. As relações dos humanos no mundo seguem na dialética do novo e antigo produzindo culturas.

² Termo retirado da escola de Tartu, modelizante na semiótica da cultura, no qual buscar compreender os diferentes códigos e nos conceitos dos sistemas, a partir de uma estrutura, que neste caso é a mudança nas linguagens das cidades que o padre peregrinava. A modelização é citada para explicar a organização de um sistema de linguagens sociais. No qual, o sertanejo constrói a linguagem a partir das obras que foram construídas pelo padre.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

Segundo Melluci, a identidade que possuímos é em primeiro lugar “uma capacidade autônoma de produção e de reconhecimento do nosso eu: situação paradoxal, porque se trata, para cada um de nós, de se perceber semelhante a outros (portanto, de reconhecer-se e ser reconhecido) e de afirmar a própria diferença como indivíduo” (MELLUCI, 2004, p. 46). Dessa forma, temos de nos comportar conforme uma grande maioria se comporta.

O indivíduo tem suas diferenças biológicas, possui particularidades, porém, quando um modelo de pensamento é aceito, como no caso do Padre Ibiapina, em que, além de padre civilizador, torna-se uma um herói social. O homem passa a valorizar e a compartilhar experiências tanto quanto espaços, em que se centraliza a ideia central, no caso desta pesquisa, um progresso dos signos das cidades. Desta forma, o imaginário social, reconhece identidades que produzem uma mesma forma de sentir, de se comunicar. Assim, os interesses caminham na mesma orientação, contribuindo com a ideia do padre.

Em suma, o pensamento vem pela marginalidade dos costumes, se apoiam em um centro, excluem diferenças e estabelecem assim uma verdade, uma realidade. As mentalidades assumem novas identidades, reproduzem novos espaços sociais, dividem as funções delegando autoridades, reconhecem os espaços como descobertas sobrenaturais e respeitam a elas, como representações reais. Sendo assim, formam uma verdade que tornam *modos operandi*³ nas mentalidades das pessoas e que são representantes da realidade. Mas sempre há novas tentativas de se atingir uma realidade que mantenha os homens sobre o controle, é uma outra grande verdade que sempre aguarda, espera por sua vez entre o homem e seus novos heróis.

³ São modos de operação que tornam a maneira de agir normal em uma sociedade. É citado como forma de explicar as construções como parte do cenário social que estava sendo construído. Essas obras produziam significados e a partir dela, uma necessidade agora pela organização social.

4- Os valores do processo

A arquitetura, a disposição dos locais internos dentro das casas de caridade, o hospital, açudes, escolas e todas as obras de Ibiapina constroem um imaginário social. O que antes era vazio tem agora uma obra construída e uma linguagem. O significado de cada uma delas altera o pensamento na construção da verdade, os sertanejos criam representações nestes espaços sociais e desenvolvem a criatividade humana, compartilhando funções de ordem, de espaço e retorno ao valor simbólico que o significado entrega e recebe como prática e como costume na linguagem. As obras foram feitas a partir do suor dos sertanejos. Além do significado simbólico de cada um, por meio destas obras, o imaginário dos significados, explicam para os sertanejos, aquilo que Ibiapina discursava, elas também fazem agora parte do objeto social. O sertanejo participa como um ator social. Utiliza o espaço social como sua identidade, promove a criação de uma identidade, processa assim, o novo ideal.

A arte em dor, a evolução em seu mandato, a criação como fim produzem o único projeto humano, o de viver em criatividade. A criação surge no palco cênico da existência naquela fração de tempo. Porém, sua produção leva o tempo necessário que a gestação exige. É um processo próprio, particular, que envereda pelas estranhas do ser humano e seu existir. O instante supremo de Descartes, Eu penso, logo existo. A prioridade dada ao processo, que vem continuidade à superfície da psique, a razão se configurando lenta, doce, vagarosamente, na rapidez humana de suas necessidades vitais. O processo quando dispara na intimidade do gerador é ininterrupto, nada é possível fazer com que o interrompa. A semelhança da construção de uma nova vida, seja de uma larva ou de feto humano, a energia concentrada na criação, a interrupção do processo entre criação e dor é humanamente impossível, acontecendo quando submetida ao poder condicionador (MACEDO; NOLF, 2013, p. 95).

O sertanejo participante da própria obra e que faz do movimento de progresso do padre, conduz o homem a organizar não somente os espaços, mas a respeitá-lo como a própria identidade. Nelas, produz o sentimento, o pertencimento, o imaginário, o

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

resultante do sentido da sua força e da sua vida, explicando assim, para ele e para o mundo que nele pertence os seus pensamentos, uma verdade que não existe argumento ou discussão que conduza para duvidar. Quando Ibiapina, promove as ações civilizadoras de progresso, através da organização e centralização da vida dentro uma cidade, não somente divide os espaços comuns, dos espaços que não se agrupa. Assim, homens e mulheres se concentram e decidem qual local será o destino das suas necessidades, sendo estas, até mesmo anteriormente desnecessárias, mas como existe uma verdade que é marca registrada da visita do padre e de suas ideias, possuem não só o envolvimento, mas também, um pedaço da história que reproduz o momento inicial da sua visita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado deste trabalho é alcançado ao constatar o progresso de Ibiapina e as mudanças dos hábitos dos sertanejos. Ibiapina não foi somente um padre que conquistou com suas missões, não foi somente uma nova figura de evangelização dos sertanejos, como também uma nova visão do progresso. Ibiapina trouxe novas linguagens e hábitos para os sertanejos, que, desamparados pela situação da seca, sentiam-se protegidos por um homem de Deus, por meio dos enunciados dele, transformando suas comunidades nas cidades. Os sertanejos, após o aparecimento do padre, mudaram suas comunicações sociais, progresso este que trouxe o catolicismo popular como enunciado de uma nova situação. Ele não somente deu esperanças, mas animou a todo e qualquer desânimo causado pela seca. As linguagens da cidade, motivo principal deste trabalho, se moldaram às obras sociais construídas pelo padre e pelo povo sertanejo. Os costumes antigos, as tradições e os modos de interpretar a vida e o mundo se alteram. Ibiapina transforma a visão antiga dos sertanejos na dor e na desgraça, de uma antiga linguagem de “fim de mundo”, para uma nova visão de “nada faltará”.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

O gesto de Ibiapina, com o cuidado oferecido aos sertanejos, comunica um cuidado de si e do grupo. Ibiapina fez o povo se calar perante a situação daquele momento histórico, no qual eles passavam pela terrível seca. Os sertanejos se calaram e esperavam então o dia melhor, criaram a esperança de uma voz que trouxesse a alegria e a rendição para eles. Seria o silêncio do silêncio que iria novamente responder, mas este silêncio, se tornaria novamente uma forma de expressão e simbologia, que posto como transmissão em costume.

O espaço que o ambiente irá proporcionar, formará então uma cultura não somente de valores regionais, mas da comunicação simbólica como linguagem no reconhecimento do eu e do outro. As linguagens que o ambiente irá proporcionar aos sertanejos, não será mais a memória dos antepassados culturalmente. As obras que Ibiapina proporcionou nas cidades em que ele percorreu, mudaram as linguagens e o sentido da vida destes homens e mulheres. Ibiapina, quando vê o sofrimento destes sertanejos, utiliza do seu conhecimento religioso para expandir sua prática que ele acredita ser verdade. Mas, com exceção a críticas do seu trabalho como construtor do progresso, muito da memória e da tradição sertaneja se perde com seu discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COMBLIN, Joseph Jules. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Editoria Paulus, 2011.

FEUERBACH, LUDWING. **A Essência do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Editoria Vozes, 2013.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

FEYERABAND, Paul K. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

HOONAERT, Eduardo. **Crônica das Casas de Caridade**. São Paulo: Editora Loyola, 1981.

MACEDO, Vanessa; NOLF, Ângela (Org.). In: BRIGANTE, Carlos R. **Pontes Móveis**. São Paulo: Cooperativa Paulista de Dança, 2013.

MELLUCI, Alberto. **O Jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos**. Porto Alegre: Coleção L&M Pocket, 2012.

SILVA, Benedito. **Padre Ibiapina**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SUSS, Paulo Gunter. **Catolicismo Popular no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Artigos

NEVES, Frederico de Castro. **A Miséria na Literatura: José do Patrocínio e a Seca de 1878 no Ceará**. *Tempo* [online], Universidade Federal do Ceará, v. 11, n. 22, p. 80-97, 2007.